

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES  
PARA EDUCAÇÃO BÁSICA

Sônia Gonçalves Soares

**RELAÇÕES DE GÊNERO E SUAS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO  
DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Belo Horizonte  
2019

Sônia Gonçalves Soares

**RELAÇÕES DE GÊNERO E SUAS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE  
APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação de Jovens e Adultos.

Orientadora Profa. Dra. Grazielle Schweig

Belo Horizonte

2019

S676 Soares, Sônia Gonçalves, 1977-  
TCC Relações de gênero e suas implicações no processo de aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos [manuscrito] / Sônia Gonçalves Soares. - Belo Horizonte, 2019.  
45 f.

Orientadora: Grazielle Ramos Schweig.

Trabalho de conclusão de curso – (Especialização) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Inclui bibliografia e anexos.

1. Educação de jovens e adultos. 2. Alfabetização de adultos. 3. Mulheres. 4. Relações de gênero. 5. Educação feminina. 6. Patriarcado. 7. Família.

I. Schweig, Grazielle Ramos. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação. III. Título.

CDD : 374



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
Curso de Especialização em Formação de Educadores para  
Educação Básica

ATA DE DEFESA DO OCTINGENTÉSIMO QUADRAGÉSIMO TRABALHO FINAL DO CURSO DE  
ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título “Relações de Gênero e suas implicações no processo de aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos.”, do(a) aluno(a) Sonia Gonçalves Soares Diniz. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Grazielle Schweig - (orientador) e Agnez de Lélis Saraiva. Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho APROVADO, atribuindo-lhe a nota 91, conceito 4. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Luciana Gomes da Luz Silva, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a) Sônia Gonçalves Soares Diniz  
Sonia Gonçalves Soares Diniz

Registro na UFMG: 2018751047

Grazielle Schweig  
Grazielle Schweig  
Professor(a) Orientador(a)

Agnez de Lélis Saraiva  
Agnez de Lélis Saraiva  
Professor(a) Convidado(a)/Avaliador(a)

Luciana Gomes da Luz Silva  
Luciana Gomes da Luz Silva  
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização  
Em Formação de Educadores para Educação Básica

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela proteção e dom da vida.

Ao meu marido Ilson meu parceiro na vida, pela cumplicidade, amizade e afeto de todos esses anos, mas acima de tudo, pela paciência que o fez suportar meu nervosismo e minhas ausências ao longo deste projeto.

A minha querida filha Geovana fonte de inspiração, carinho e amor.

À Grazielle Schweig pela sabedoria com que conduziu suas orientações a minha pesquisa.

Às mulheres estudantes da EJA que contribuíram com o trabalho, disponibilizando seu tempo, abrindo o coração e expondo suas vidas, para que, de algum modo, toda e qualquer mulher pudesse ser ouvida a partir de suas vozes.

## RESUMO

Este trabalho se objetiva discutir as relações de gênero e suas implicações para o processo de escolarização dos estudantes que frequentam a Educação de Jovens e adultos (EJA), em uma escola de ensino fundamental da Prefeitura de Belo Horizonte, na regional Noroeste da cidade. Desenvolveu-se um plano de ação com a classe de alfabetização da EJA em seis encontros, com os objetivos de discutir e desenvolver a construção de valores, proceder à conscientização e ao reconhecimento das relações e questões de gênero existentes em nossa sociedade. Durante a pesquisa, foi utilizada a metodologia qualitativa e de campo, durante a qual foram feitas entrevistas semiestruturadas, através das quais coletaram-se dados por via dos depoimentos de três mulheres impedidas de estudar por imposições das questões de gênero. A pesquisa promoveu a articulação entre os autores que abordam o tema, o parecer 11/2000 do Conselho Nacional de Educação e as leis que garantem o direito das mulheres. Na sequência procedeu-se à análise das entrevistas. Concluiu-se que a EJA necessita de políticas públicas específicas para essa modalidade de ensino, e se configura como espaço de socialização, expressão da mulher e de possibilidades para a emancipação e autonomia dos sujeitos.

**Palavras-Chave:** Relações de Gênero. Mulheres. Educação de Jovens e Adultos.

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO</b> .....  | <b>7</b>  |
| <b>2 JUSTIFICATIVA</b> .....   | <b>9</b>  |
| <b>3 OBJETIVOS</b> .....   | <b>11</b> |
| 3.1 Geral.....   | 11        |
| 3.2 Específicos .....  | 11        |
| <b>4 REVISÃO TEÓRICA</b> .....   | <b>12</b> |
| 4.1 A mulher e as relações de gênero.....                                      | 12        |
| 4.2 As mulheres e a educação.....  | 14        |
| <b>5 A ESCOLA</b> .....  | <b>16</b> |
| 5.1 Estruturação da modalidade.....  | 16        |
| 5.2 Proposta curricular .....  | 16        |
| 5.3 Apresentação do público.....   | 17        |
| <b>6 PERFIL DA TURMA</b> .....   | <b>19</b> |
| <b>7 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....                                     | <b>20</b> |
| 7.1 Etapas de realização do plano de ação .....                                | 21        |
| <b>8 ANÁLISE DOS RESULTADOS</b> .....  | <b>29</b> |
| 8.1 Análise das entrevistas.....   | 29        |
| <b>9 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....  | <b>36</b> |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....   | <b>39</b> |
| <b>ANEXO 1- Imagem do segundo momento do plano de ação</b> .....               | <b>41</b> |
| <b>ANEXO 2- Material trabalhado no terceiro momento do plano de ação</b> ..... | <b>42</b> |

## 1. INTRODUÇÃO

O propósito deste estudo é discutir as relações de gênero, suas implicações para o processo de escolarização dos estudantes que frequentam a Educação de Jovens e adultos (EJA), em uma escola de ensino fundamental da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, na regional Noroeste da cidade.

A Educação de Jovens e adultos, no Brasil, é marcada pela desigualdade social. Esse público é proveniente das camadas populares, pessoas que não conseguiram concluir a educação básica, quando eram mais jovens. São filhos de famílias pobres obrigados a deixarem os estudos, ou nunca tiveram a oportunidade de frequentar uma escola.

A taxa de analfabetismo no Brasil, em junho de 2019, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019) é de 6,8%. São pelo menos 11,3 milhões de pessoas com mais de 15 anos que nunca frequentaram uma escola, ou interromperam, os estudos, em algum momento da vida.

Soares (2019) ressalta que as mulheres são um grupo distinto na Educação de Jovens e Adultos porque vivenciaram situações de exclusão marcadas pela condição de gênero; trata-se de um grupo submetido pela discriminação imposta pelo machismo. Nos relatos das estudantes da EJA, percebe-se que a mulher, em muitas circunstâncias, permaneceu em casa para cuidar de um parente doente ou mesmo dos afazeres do lar.

Em várias situações, o pai proibiu a filha de ir para a escola, para mantê-la nas tarefas de casa, ou até mesmo, com o receio de ela se envolver amorosamente com algum rapaz. É que meninas das camadas desprivilegiadas em nossa sociedade ainda são educadas para cumprir seu papel de futuras mães e esposas dedicadas aos trabalhos domésticos.

Por essas razões, almejo neste trabalho discutir e desenvolver a construção de valores, proceder à conscientização e ao reconhecimento das relações de gênero existente em nossa sociedade e quais implicações foram fundamentais e deram sequência na vida dos estudantes da EJA

O trabalho foi organizado da seguinte forma: no primeiro capítulo apresento o tema ou seja, as relações de gênero e suas implicações no processo de aprendizagem de estudantes da Educação de Jovens e Adultos. Discorri, também, no segundo sobre a justificativa pela opção por tal tema de pesquisa. No terceiro capítulo, encontram-se os

objetivos gerais e específicos destinados ao plano de ação, desenvolvido com os estudantes de alfabetização da EJA.

No quarto capítulo discorri sobre as reflexões referentes às relações de gênero, a mulher e a educação, mediante um diálogo com diversos autores que escrevem sobre o assunto. Neste capítulo, fiz ainda uma abordagem sobre relações de gênero e um breve histórico sobre a escolarização das mulheres.

O quinto capítulo enfocou a apresentação da proposta curricular da escola lócus da pesquisa e o público da EJA. Já no sexto, tracei o perfil da turma, na qual foi realizada a intervenção.

Os procedimentos metodológicos são descritos no capítulo 7 onde apresentei a escolha da instituição, o desenvolvimento da pesquisa, e os percursos necessários para a execução do plano de ação. No oitavo capítulo, são apresentadas e descritas as etapas de realização do plano de ação, a divisão e o detalhamento de todos os seis momentos desenvolvidos durante o trabalho. As atividades utilizadas estão apresentadas nos anexos.

No oitavo capítulo, também apresento as entrevistas realizadas com três (03) mulheres matriculadas e frequentes da classe de alfabetização da EJA. Por fim, no nono capítulo, teço as considerações finais nas quais procedi à análise das entrevistas, com o respaldo das ideias dos teóricos pesquisados selecionados para o trabalho.

## 2. JUSTIFICATIVA

O interesse em pesquisar sobre relações de gênero na Educação de Jovens e Adultos foi motivado pela curiosidade despertada pelo conteúdo dos relatos, das discussões e leituras realizadas no Curso de Especialização em Docência da Educação (LASEB). Também, havia convivido com esta mesma realidade durante a infância e adolescência em minha família.

Minha mãe sempre foi determinada e tinha personalidade marcante, mas, ao mesmo tempo, era subjugada pela ideia de submissão à dominação patriarcal devido ao gênero. Por essas razões, sempre fui moldada para valorizar as atitudes dos meus irmãos (homens), e sempre me colocar em situação de inferioridade, quando era necessário dividir ou escolher algo. Minhas irmãs realizavam todas as tarefas domésticas e, somente depois de terem deixado a casa em absoluta ordem, poderiam estudar, porém, meus irmãos homens não eram obrigados a fazer as tarefas de casa. Os meninos brincavam quando e o quanto queriam na rua, mesmo sendo menores. As meninas eram proibidas de frequentá-la, porque, segundo minha mãe, “lugar de moças era em casa”.

Em muitos momentos me vi desejando ser um menino, porquanto ser homem era melhor, principalmente durante as refeições, quando eles comiam os bifes melhores e maiores. Tudo era primeiro para os meninos: a escolha das roupas, dos sapatos, dos quartos e, somente o que sobrava era reservado às meninas. Cresci com o acompanhamento de minha mãe reforçando e inculcando a obrigação de sempre servir meus irmãos, porque eram homens e, por esse motivo, deveriam ter privilégios aos quais eu nunca teria acesso. É na base familiar que os valores e as relações de gênero são idealizadas, reproduzidas e perpetuadas, naturalmente. Nesse sentido, Bourdieu (2019) aponta:

O trabalho de reprodução esteve garantido , até época recente , por três instâncias principais, a Família , a Igreja e a Escola, que , objetivamente orquestradas, tinham em comum o fato de agirem sobre as estruturas inconscientes. É , sem dúvida a família na reprodução da dominação da visão masculina; é na família que se impõe a experiência precoce da divisão sexual do trabalho e da representação legítima dessa divisão, garantida pelo direito e inscrita na linguagem. ( p. 11).

Estudar as relações de gênero é uma tentativa de eu compreender quais motivos tornaram as atitudes, representações e os pensamentos tão diferenciados nos modelos

de educação, em relação aos papéis do ser “feminino” e do ser “masculino”, e apontar como a negação de direitos marcou a vida de algumas mulheres estudantes da Educação de Jovens e adultos impedidas de frequentarem uma escola, ou continuarem seus estudos, pelo simples fato de serem meninas.

Muitos estudantes da EJA são mulheres que não frequentaram uma escola em idade regular e, em alguns casos, a família, muitas vezes o pai ou o marido, consideravam que elas não tinham o direito de aprender e saber ler e escrever. Os afazeres do lar, os cuidados com a família eram atividades estritamente femininas e tratadas como parte do pacote do casamento Ritt (2012). Assim, constata-se, no passado, o julgamento de que as mulheres não precisavam de estudo.

Pretendo com este plano de ação discutir e refletir com os estudantes da EJA, de uma escola da regional noroeste, suas trajetórias de vida, as influências das relações de gênero e quais as implicações dessas relações para seus processos de ensino e aprendizagem. De acordo com Freire (1996), a busca, o desenvolvimento da consciência crítica, da liberdade e da problematização constituem a oportunidade de propiciar ao educando refletir sobre o mundo e sua posição nele, de forma que possa criá-lo, recriá-lo e transformá-lo. Afinal, há que se entender o quanto é importante conceber a educação como um princípio transformador da realidade dos seres humanos.

O parecer 11/2000 de 10.05.2000 do Conselho Nacional de Educação fundamenta e garante o acesso à educação a todos os jovens e adultos (BRASIL, 2000). Uma proposta apresentada é de que a EJA seja agente de construção de um novo modelo de atendimento específico a esses sujeitos sociais. A seguir um excerto deste Parecer:

Mas a função reparadora deve ser vista, ao mesmo tempo, como uma oportunidade concreta de presença de jovens e adultos na escola e uma alternativa viável em função das especificidades sócio-culturais destes segmentos para os quais se espera uma efetiva atuação das políticas sociais. É por isso que a EJA necessita ser pensada como um modelo pedagógico próprio a fim de criar situações pedagógicas e satisfazer necessidades de aprendizagem de jovens e adultos (BRASIL, 2000, p. 8).

Um das funções reparadoras da EJA é promover situações didáticas de aprendizagem capazes de possibilitar a emancipação dos estudantes. Assim, refletir juntamente com os estudantes sobre sua trajetória escolar e quais fatores foram fundamentais para impedir sua escolarização permitirá que eles pensem, repensem e recriem a sua postura frente a sociedade, suas escolhas e sua autonomia como estudantes.

### **3. OBJETIVOS**

#### **3.1 Geral**

- Discutir sobre o tema gênero, suas influências e seus impactos na escolarização de mulheres impedidas de estudar.

#### **3.2 Específicos**

- Analisar as narrativas dos alunos sobre sua memória e trajetória escolar
- Listar com os discentes os fatores fundamentais para não serem escolarizados.
- Discutir sobre a valorização do ser humano, os direitos humanos e o direito das mulheres.
- Trabalhar leitura, interpretação, atividades manuais e oralidade.

## 4. REVISÃO TEÓRICA

### 4.1 A mulher e as relações de gênero

As temáticas referentes às relações de gênero são importantes, pois possibilitam reflexões e estimulam discussões cujos resultados podem romper com paradigmas tradicionalmente formados e naturalizados.

Gênero é um conceito originário das ciências sociais destinado à construção social do sexo; é a condição idealizada através da cultura. É a maneira como as sociedades olham e pensam as pessoas do sexo masculino e as do sexo feminino. A sociedade obedece aos padrões de comportamentos que parecem naturais, mas, ressaltado, foram apresentados, constituídos e reproduzidos por uma determinada cultura. Assim, não nascemos mulheres e homens; tornamo-nos mulheres ou homens (BEAUVOIR, 1980).

Ao abordar as relações de gênero, as contribuições de Scott (1990) fundamentam epistemologicamente, elementos baseados nas relações sociais que são percebidos nas diferenças entre os sexos, como forma primária, para dar significado às relações de poder. Assim, ser homem ou ser mulher é expressar modos diferentes de viver e ver o mundo, implicando maneiras diferenciadas de distribuição de poder entre os gêneros.

O gênero é um organizador da vida social, que afeta e determina funções, pensamentos e modos de agir em uma determinada sociedade, apresentando uma ordem modeladora de homens e mulheres. Dessa maneira, a relação de gênero não é produto da sexualidade biológica, mas resultado construído nas relações de poder.

Através das discussões feitas no plano de ação, sobre o fato de que algumas mulheres da Educação de Jovens e Adultos haviam sido impedidas de estudar, pelo fato de não serem homens. Os relatos apontaram para o desejo delas de apreender a ler e escrever ceifados por sua “pseudo” inferioridade feminina. Outras confirmam a dominação masculina, à qual haviam sido submetidas pelos maridos, durante os anos nos quais abdicaram de seu direito de estudar. Somente conseguiram retornar à escola, quando se separavam, ou não tinham mais que cuidar de algum filho, ou de parente.

Essas mulheres ouviram e acreditaram que a escola não era lugar para elas, pois tinham que realizar as atividades domésticas. Em várias situações e momentos foram obrigadas a abrir mão do desejo de estudar para evitar aborrecimentos e brigas dentro de seus lares.

Bourdieu (2019) aponta que as relações de gênero funcionam através de um sistema de signos e símbolos que representam normas, valores e práticas que transformam as

diferenças sexuais entre homens e mulheres em desigualdades sociais tomadas de maneira hierárquica e valorizando o masculino sobre o feminino.

As estudantes assumiram seus papéis sociais de cuidar dos afazeres do lar e de seus filhos, e, mesmo não sendo capazes de lhes ensinar as tarefas extra classe pois, em muitas situações, não sabiam ler ou, quando não conseguiram entender os enunciados. Tentavam zelar pelos seus descendentes, mas não eram capazes, e se lamentavam por não conseguirem acompanhá-los na execução dos exercícios “para casa”.

A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente constituída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho. (BOURDIEU, 2019 p. 8).

Além de normas e valores culturais estabelecidos, as mulheres também conviviam com a violência física, com a violação de seus direitos, quer seja através da discriminação salarial feminina no mercado de trabalho, ou a sua exclusão nos cargos de direção. São relações sociais que reforçam as desigualdades entre os gêneros.

A mulher exerce várias funções na sociedade, mas, ainda existe a desigualdade e o preconceito e é pelo estudo que muitas percebem e captam uma maneira de mudar de vida.

Um olhar atento sobre as relações entre homem/mulher contribui para se compreender a definição dos papéis sociais. Nesse sentido, a escola, principalmente a Educação de Jovens e adultos, apresenta-se como local de reflexão e discussão para propiciar a construção de valores e a apropriação de conhecimento. A EJA configura-se como alternativa de promoção social, econômica e identitária das mulheres e seu propósito é a conscientização sobre sua importância na sociedade, incentivando-as na continuidade de seus estudos.

## 4.2 As mulheres e a educação

Historicamente, a relação da mulher com a educação é sinalizada pela busca de direitos iguais, e, nessa luta, o direito aos estudos constitui um marco importante. No entanto, vale dizer que antigamente, a escolaridade era privilégio de uma minoria rica, os homens das classes social e intelectualmente abastadas, pessoas com uma boa posição social e econômica. Na metade do século XIX, poucos brasileiros tinham acesso à escolarização (RITT, 2012).

A educação feminina sempre foi associada a educação doméstica. A educação das meninas não era a mesma destinada aos meninos. Por muito tempo, o trabalho de cuidar foi concebido como uma atividade naturalmente feminina e tratado como parte das obrigações do casamento, fator principal do afastamento precoce da escola. Muitas vezes a proibição era amparada por uma concepção de que a mulher não precisava de estudo; frequentar a escola faria com que ela se perdesse. Nessa linha, Ritt (2012, p. 44) descreve o pensamento: “Uma mulher é suficientemente educada quando pode ler com propriedade seu livro de orações e sabe como escrever receita de geleia de goiaba: mais do que isso põe o lar em perigo.”

No início do século XX, o crescimento da urbanização, as mudanças na sociedade e a necessidade financeira contribuíram para a luta de algumas mulheres pela liberdade e o direito à escolarização. A industrialização, e a proliferação dos meios de comunicação contribuíram para a mudança da conduta e dos costumes de muitas mulheres (BRITO; MIRANDA, 2012).

A Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 determina o direito à educação para todas as pessoas. Ele fica estabelecido mundialmente como um direito humano destinado às mulheres e meninas, da mesma forma que aos homens e meninos. Impulsionadas por esse documento, várias convenções internacionais sobre direitos humanos proibiam qualquer discriminação de sexo ou gênero. O acesso ao ensino gratuito é um direito intransferível a todas crianças, tanto meninos quanto meninas (SIING, 2011).

Mesmo sendo um direito, observa-se, nos relatos das entrevistas, que muitas mulheres ainda são impedidas de irem à escola, pois, além de terem um serviço durante o dia, à noite, precisam realizar todas as tarefas do lar e somente depois disto, e com muita dificuldade, conseguem permissão dos maridos para frequentarem a escola.

As pioneiras dos direitos da mulher, no Brasil, acreditaram na educação como uma solução para a emancipação feminina e também para uma melhora substancial em sua situação social.

Em 1988 a Constituição Federal do Brasil garantiu tratamento igual a homens e mulheres. E em seu artigo. 5º, inciso I determina que “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações” nos termos desta Constituição” (BRASIL, 1988). Porém, apesar do direito garantido em nossa Constituição e de todos os avanços da equidade entre o homem e a mulher, a ideologia patriarcal ainda persiste, em que pesem todas essas conquistas (RITT, 2012)

Com o objetivo de mudar essa realidade muitas mulheres buscaram na educação a consolidação da autonomia individual e coletiva e a garantia dos seus direitos.

As discussões que iniciaram na década de 1980 sobre gênero e educação tomaram grandes proporções em vários países e também no Brasil. Esse cenário culminou em políticas públicas específicas para as mulheres. Foram criados vários indicadores qualitativos para monitorar as ações governamentais para identificar as desigualdades de gênero. Nesse sentido, foi criado o Plano Nacional de Políticas Públicas Para Mulheres (PNPM), a partir de 2004 (BRASIL, 2013).

O aumento da escolaridade é essencial para a reflexão e consciência do papel fundamental da mulher na busca e conquista, a cada dia, por de seus direitos e seu espaço na sociedade. Tanto isto é verdade, que as estudantes da EJA acreditam que, ao concluírem seus estudos, terão ascensão social e poderão contribuir para o aumento da renda familiar.

Para tanto é necessário pensar e implantar política públicas para Educação de Jovens e Adultos, através de ações voltadas para esse público específico, por meio da formação continuada dos professores e de ofertas para o acesso e a permanência dos estudantes na escola.

## **5 A ESCOLA**

A escola municipal selecionada para desenvolver este trabalho está localizada na região noroeste de Belo Horizonte, MG. Segundo o censo escolar, ela atende a 611 alunos no ensino fundamental I, 113 alunos no fundamental II e 67 na Educação de Jovens e adultos. Funciona, atualmente, com quatorze (14) salas de aula nos três turnos. A Educação de jovens e adultos é ofertada de segunda à quinta, no horário de 17:30 às 20:30, com três salas de aula distintas: alfabetização, intermediário e certificação. As aulas são ministradas por professores do terceiro ciclo formados em história, ciências e português.

No projeto político pedagógico da instituição, há um capítulo exclusivo para a modalidade Educação de Jovens e adultos, apresentando as diretrizes para o currículo e descrevendo o atendimento a esse público específico.

### **5.1 Estruturação da modalidade**

A EJA, na rede Municipal de Belo Horizonte, a partir de 2015, é ofertada em dois tipos de configuração: EJA Múltiplas Idades e EJA Juvenil. A EJA Juvenil. A EJA é estruturada de acordo com as orientações da Secretaria Municipal de Educação. Através de um esforço coletivo e compartilhado, esta modalidade busca assegurar a formação humana em sua totalidade, rompendo com a exclusão e favorecendo a capacidade de compreensão das pessoas para uma atuação condizente. Para isso, é necessário que sua organização esteja alicerçada na cooperação entre todos os envolvidos, num trabalho articulado, capaz de cuidar de todos e de cada um, sem estigmatizá-los.

### **5.2 Proposta curricular da escola**

A EJA é uma modalidade de ensino que possui funções, objetivos e propósitos diversos. Sua proposta de currículo se consolida na dimensão do direito à educação continuada, ao longo da vida. O plano curricular considera elementos no cotidiano escolar, que, por sua natureza, não podem ser previstos, e os elementos objetivos, que equilibram os diferentes processos e as experiências formadoras. Segundo o projeto político pedagógico da escola aponta as finalidades de sua educação:

Os Parâmetros Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos (2001), as finalidades da educação de jovens e adultos assim se configuram:

- I- Desenvolvimento da capacidade de aprender e continuar aprendendo,
  - II- Autonomia intelectual e do pensamento crítico Constituição de significado socialmente construídos e reconhecidos como verdadeiro sobre o mundo físico e natural, sobre a realidade social e política.
  - III- Domínio de competências e habilidades necessários ao exercício da cidadania e do trabalho;
  - IV- Desenvolvimento da capacidade de relacionar a teoria à prática e o desenvolvimento da flexibilidade para novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;
  - V- Uso das várias linguagens como instrumentos de comunicação e como processos de constituição de conhecimento e de exercício da cidadania.
- Na proposta curricular da EJA a organização deve ser feita por área de conhecimento, o que não exclui componentes curriculares com especificidades e saberes próprios. Trata-se do fortalecimento das relações entre as disciplinas e suas especificidades. As quatro áreas de conhecimento (Linguagens, Ciências da Natureza, Ciências Humanas e Matemática) tem seus conceitos estruturadores e a partir deles se elencam as capacidades que se pretende desenvolver no educando. Além dos eixos estruturantes cada área tem quatro dimensões formadoras, são elas: Corporeidade, Trabalho, Territorialidade e Memória.

### **5.3 Apresentação do público**

Desde o ano de 2010, a escola oferecia turmas de EJA – Múltiplas idades que funcionavam em espaços externos à escola, na Igreja Dom Bosco e no Centro Espírita Paz e Amor, no horário vespertino. Em 2015, a EJA iniciou suas atividades no horário noturno, seguindo o calendário regular com 02 turmas de Múltiplas Idades com um total de 92 alunos matriculados. Seguindo a orientação da equipe pedagógica da Gerência Regional de Educação Noroeste (GERED – NO), houve o desmembramento para 03 turmas, com a sugestão de que fosse para a EJA Juvenil. A turma era composta por 26 alunos com idades entre 15 e 18 anos, com características próprias da sua idade.

O público juvenil demandava uma proposta pedagógica de aprendizagem sedimentada em suas práticas de cultura e trabalho, com uma organização que estimula o desenvolvimento de habilidades, de atuação, inserção social e autonomia voltadas para o mundo do trabalho, para a formação da cidadania, fomentando, ainda, a educação para as relações étnico-raciais e de gênero. A certificação do Ensino fundamental abre também maiores possibilidade de emprego. Além disso, existem alunos que frequentam a EJA com outras expectativas, pois já dominam algumas habilidades e anteveem a possibilidade de concluir seus estudos e obter a certificação.

Uma dificuldade recorrente no trabalho na EJA diz respeito à diversidade de seu público-alvo. Se, inicialmente, eram atendidos apenas adultos ou jovens adultos, já, há algum tempo, os jovens, a partir dos 15 anos de idade, também podem se beneficiar da

possibilidade de conclusão do Ensino Fundamental em tempo reduzido, conforme dispõe a Constituição Federal Brasileira (BRASIL, 1988).

Segundo relato da coordenadora da escola, uma dificuldade constatada na turma de EJA com os adolescentes I da escola é a questão da infrequência. Em todas as turmas há um número considerável de alunos infrequentes e/ ou com frequência baixa. A escola busca contato e até visitas domiciliares, mas, os pais e responsáveis pelos alunos, muitas vezes, se declaram incapazes de estabelecer parceria com a escola para solucionar a situação, alegando dificuldades no relacionamento com os jovens, o que impede convencer os adolescentes de que devem cumprir as regras da escola. Desenha-se, portanto, um quadro complexo, cuja solução em que pese não ser simples, não pode ser ignorado, por mais que ainda não se tenham encontrado soluções definidas para tais questões.

## 6. PERFIL DA TURMA

A turma na qual foi realizada a intervenção é formada por estudantes em processo de alfabetização e alfabetizados que retornaram à escola para dar continuidade ao processo de escolarização no nível fundamental. Atualmente, é composta por 18 estudantes frequentes, sendo 13 do sexo feminino e 05 do sexo masculino, entre 26 e 86 anos de idade. O estado civil da maioria é casado, e há também algumas viúvas.

Além do trabalho doméstico realizado cotidianamente pela maioria, metade dos estudantes tem atividade remunerada (de babá, costureira, doméstica, pintor, pedreiro, cozinheira, em limpeza e conservação, no comércio, nos serviços gerais, na construção civil etc.). Os demais são aposentados e/ ou pensionistas com rendimento, no geral, de um salário mínimo.

Os estudantes se declaram seguidores do cristianismo, divididos em evangélicos e católicos, que são a maioria. Relatam terem experiência escolar de mais de três anos. (Incluindo o tempo na EJA). A maioria mora próximo da escola, mas cinco pessoas necessitam de transporte público ou particular para chegar até a instituição.

A maioria tenta conciliar o processo de escolarização com outros elementos de suas vidas: família, trabalho, igreja, entre outros. Muitos declararam que o tempo dispendido com o estudo está restrito às atividades desenvolvidas na escola onde dizem ter mais disposição para os estudos. A maioria afirmou que o estudo é fator fundamental para a melhoria da qualidade de vida, independência e autonomia nas atividades cotidianas. A maior parte dos alunos não vislumbra prosseguir os estudos; pretendem apenas saber ler e alguns poucos apontam que continuarão estudando, a fim de conseguirem a certificação no Fundamental e nos Ensino Médio e Superior, com o objetivo da melhoria da qualificação profissional para entrarem ou permanecerem no mercado de trabalho.

## 7. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Pesquisar sobre a relação de gênero e suas implicações no processo de aprendizagem, exigiu uma investigação de cunho qualitativo. Este tipo de pesquisa não exige um grande número de participantes e oferece técnicas especializadas para a obtenção de respostas mais detalhadas e completas.

O trabalho fundamenta-se em estudos de autores que abordam o tema relações de gênero, bem como em análises de parecer, leis, pesquisa documental e decretos que asseguram a igualdade e o direito das mulheres. Assim, a pesquisa possibilitou a articulação entre os escritores e as entrevistas realizadas com os estudantes associados à Educação de Jovens e Adultos matriculados e frequentes em uma escola da regional noroeste da prefeitura de Belo Horizonte.

As entrevistas foram semiestruturadas, com a coleta de depoimentos de mulheres, selecionadas em uma roda de conversa, e que não puderam frequentar a escola por imposições de relações de gênero. A fim de manter as entrevistadas no mais absoluto sigilo, pseudônimos foram utilizados.

A escolha da instituição partiu do interesse por compreender um pouco mais sobre a Educação de Jovens e Adultos da escola onde leciono para o 1º ciclo no período matutino. Pautou o trabalho minha curiosidade de conhecer um pouco mais sobre esse público específico, que encontro somente nos momentos de festa junina ou mostra cultural.

O plano de ação aconteceu com a classe de alfabetização da EJA. Trabalhei com dezoito estudantes frequentes, sendo cinco homens e treze mulheres. Segundo relatos da coordenadora da escola, havia na turma mulheres não escolarizadas por impedimento do pai, ou do marido. Confirmei essa informação na roda de conversa realizada com os estudantes.

O plano de ação foi desenvolvido em 06 momentos. As atividades envolveram:

- minha apresentação como estudante do curso de Especialização em Formação de Educadores para a Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais;
- relato sobre as relações de gênero que vivenciei na infância e juventude;
- coleta de assinaturas dos estudantes para o termo de autorização de uso de imagens;
- aulas expositivas;
- apresentação de documentário sobre relações de gênero;

- entrevistas semiestruturadas;
- rodas de conversas;
- estudo de bibliografia de mulheres fortes e determinadas;
- leitura e apreciação de poesias e confecção de mural para exposição em sala.

Todos os trabalhos aconteceram com a participação e a colaboração do professor e da coordenação. No início dos trabalhos, os alunos apresentaram um pouco de resistência, pois estavam acostumados com o professor e com as disciplinas específicas como: matemática e português, e não concebiam minhas informações e planejamentos como “aula”. Aos poucos, foram entendendo a proposta do trabalho e começaram a participar mais efetivamente das atividades.

## **7.1 Etapas de realização do plano de ação**

### **1º Momento- Apresentação**

Descrevi minha experiência na escola como regente do primeiro ano no turno da manhã, expus também a vivência com a Educação de Jovens e Adultos no período entre 2008 até 2011, narrei sobre os estudos realizados no LASEB e apresentei os objetivos e os trabalhos que seriam desenvolvidos para o plano de ação. Deixei clara a necessidade da assinatura da autorização dos alunos nos formulários fornecidos pela UFMG, para o uso de suas imagens.

Detectei o estranhamento de alguns estudantes, pois nunca haviam participado de uma pesquisa. Houve perguntas em relação às fotos e assinaturas. Foi necessário explicar detalhadamente a importância das autorizações para a participação da pesquisa. Alguns apresentaram dificuldades para assinarem os formulários, pelo fato de ainda não conseguirem grafar o nome completo em letra cursiva. Sendo assim, eles escreveram apenas o primeiro nome utilizando a letra cursiva.

### **2º Momento- Documentário Brasil Alfabetizado e Roda de Conversa**

Para essa atividade, fotos no anexo 1, foi utilizada a sala de multimídia da escola, e, com o recurso do data show foi apresentado o documentário: História de um Brasil Alfabetizado (HISTÓRIA..., 2019), que possui a duração de 72 minutos. Ele apresenta cinco

casos verídicos de jovens e adultos, que vivem em diferentes regiões do país, e cuja realidade de vida foi modificada pela alfabetização.

Selecionei dois episódios das cidades de Nazaré da Mata (PE) e de Belém (PA). No primeiro, é retratada a história de Edigenilson, cortador de cana que, todas as noites, após jornadas extenuantes nos canaviais, frequentava um curso de alfabetização em seu município; o segundo narra as histórias do casal Vanúzia e Antônio. Vanúzia na infância, não frequentou a escola e quando adulta foi impedida de retomar os estudos, pois seu marido não a deixava frequentar as aulas. As brigas do casal cessaram, quando ambos decidiram voltar a estudar.

O documentário expõe, de forma simples e objetiva, como a falta de escolarização pode dificultar a vida de jovens e adultos. São várias situações, nas quais as pessoas foram inferiorizadas e desvalorizadas por não saberem ler e escrever. Entretanto, o filme aponta a mudança de vida dessas pessoas, após a entrada e a permanência na Educação de Jovens e adultos.

Os estudantes ficaram atentos aos relatos, gostaram do documentário e pediram para assistirem as outras histórias. Por causa da exiguidade do tempo, passei somente os dois documentários programados e resolvemos, que todos os outros episódios seriam apresentados pelo professor da classe, em um outro momento. Todos se identificaram com os temas abordados.

Após assistir ao documentário fizemos uma roda e conversamos sobre os motivos que impediram os estudantes de se escolarizarem, quando eram mais novos. Relataram um pouco da história de suas vidas, descreveram o trabalho na roça, plantando e colhendo para o sustento da família e, por isso, não tiveram condições de ir à escola. Algumas mulheres declararam a submissão aos pais que não as deixaram frequentar as aulas. Uma estudante afirmou que o pai não a deixou estudar, se casou aos 15 anos e o marido também não a deixava frequentar uma instituição escolar. Ouvimos os relatos e, comecei a selecionar as mulheres a serem entrevistadas posteriormente.

Muitos alunos afirmaram ter vergonha de não serem escolarizados, e, por isto, para eles reviver suas memórias era bem difícil, porém, consideravam essencial falar de momentos marcantes. Demonstraram certo alívio ao constatar não serem os únicos a não terem estudado, e, através dos vídeos perceberam a existência de pessoas em outros estados, que também tiveram uma vivência idêntica ou pior que a deles, mas conseguiram superar a situação e mudar de vida.

Outro ponto abordado e discutido foram os direitos das mulheres. Antigamente, a mulher não era respeitada na família e na sociedade. Muitas não tinham o direito de ser escolarizadas como os homens. Após as discussões e relatos, fizemos um bingo de nomes cujo objetivo era conhecer o nome dos alunos e detectar quais sabiam ler e escrever.

Fornei aos alunos uma folha branca de papel A4, a qual os estudantes deveriam dividir em quatro partes, escolher e copiar o nome de um colega, para cada uma das quatro partes. Como muitos não sabiam escrever o nome dos amigos, eu os escrevi na lousa. Cada estudante confeccionou sua própria cartela. Foi um momento muito prazeroso, e eles sorriram bastante. Percebi que, mesmo não sabendo ler, todos conseguiram marcar as cartelas.

### 3º - Momento – Biografia de Cora Coralina- Apreciação de Poesia

Aula expositiva sobre a bibliografia e as principais obras de Cora Coralina, com subsequente leitura e atividades sobre o poema “Saber viver”. Utilizei o recurso do retroprojeter, para facilitar a leitura e o acompanhamento dos versos na realização dos trabalhos propostos. Atividades apresentadas no anexo 2 deste trabalho.

Discorri sobre a importância de Cora na literatura brasileira, sua vida e a publicação do seu primeiro livro aos 73 anos de idade. Considerei fundamental a abordagem dessa autora, pois muitos estudantes, durante a roda de conversa, se consideravam “velhos” para aprenderem alguma coisa ou, até mesmo, para realizarem algum sonho. Assim, apresentei e discutimos sobre a importância da escritora e sua determinação em não desistir de seus objetivos e, principalmente, da sua delicadeza para escrever e expressar seus sentimentos com tanta propriedade.

Os alunos que já sabiam ler também recitaram a poesia. Após apresentar a bibliografia e fazer as leituras da poesia, realizamos a atividade de formação de palavras com expressões e verbos retirados da poesia. Os estudantes completaram o texto lacunado (inserido no Anexo II), criaram e escreveram frases com palavras do texto. Acreditava que essas atividades eram essenciais, pois possibilitariam o acompanhamento e a participação dos estudantes na leitura e interpretação do poema.

Observei a dificuldade da maioria dos alunos não alfabetizados, para preencher os espaços do texto lacunado. Foi necessário auxílio para concluírem a atividade proposta. Percebi neles a satisfação de conhecerem um pouco mais sobre Cora Coralina, apesar de muitos já terem ouvido sobre a autora. Teci considerações sobre a determinação e leveza

da poeta para organizar palavras e sentimentos. Da realização dos trabalhos propostos à conclusão das atividades, os alunos demonstravam muita seriedade e empenho. A sala ficou em silêncio absoluto.

Acredito ter sido uma atividade com a qual estavam acostumados. Percebi que gostam de escrever e se esforçavam para concluir todos os trabalhos. Um fato, ao final dos trabalhos, que me chamou a atenção: observei que fizeram as atividades, porém, nenhum deles as colocou em seus cadernos. Quando perguntei se não iriam afixá-las, uma aluna disse: “não vou gastar as folhas”. Mesmo apreciando a atividade, parece não terem compreendido, ou mensurado, que se tratava de uma aula.

#### 4<sup>o</sup> e 5<sup>o</sup> - Momentos – As entrevistas

Foram realizadas três entrevistas com estudantes da turma, com o objetivo de compreender, em detalhes, suas trajetórias, analisando a atualização das relações de gênero em seus percursos, bem como as implicações que ocorreram no processo de ensino e aprendizagem das alunas. O interesse pelas entrevistadas surgiu de informações relatadas durante o segundo momento do plano de ação, no qual elas falaram sobre suas trajetórias na infância e na adolescências marcadas pelas relações de gênero.

As conversas aconteceram na escola, em uma sala de aula separada. Optei por utilizar entrevistas semiestruturadas, pois permitem a fazer questões predefinidas, e também, há a liberdade de se inserirem outras perguntas no decorrer das entrevistas.

Participaram da entrevista três mulheres estudantes da classe de alfabetização da Educação de Jovens e Adultos selecionadas anteriormente, em roda de conversa. Essas mulheres foram impedidas de estudar ou continuar seus estudos por questões de gênero. Foram necessários dois dias para realizar os trabalhos, porque as senhoras sempre falavam, detalhadamente, sobre os momentos e as situações que enfrentaram na infância e na juventude. Todas as narrativas foram gravadas e pseudônimos foram utilizados para nomear as participantes.

As entrevistadas estão na faixa etária entre 41 e 70 anos. Houve aporte de algumas perguntas para direcionar as narrativas. A seguir, transcrevo algumas das perguntas das entrevistas:

- A) Qual é a sua idade?
- B) Seu estado civil?
- C) Você tem filhos? Quantos?

- D) Você trabalha? Qual a sua profissão?
- E) Quando você começou a estudar nesta escola?
- F) Você gosta de estudar na EJA? Por quê?
- G) Você já estudou antes?
- H) O que, ou quem, a impediu de estudar ou de concluir seus estudos?
- I) Por que você iniciou ou retomou seus estudos?
- J) O que te motiva a vir para a escola?
- K) Quais são suas expectativas para o futuro?
- L) Qual o seu maior sonho?

Todas as colaboradoras acolheram bem o plano de ação e pesquisas, bem como contribuíram com suas narrativas e histórias de vida. Algumas se mostraram muito tímidas, outras, não apresentaram dificuldades para falar o que viveram. Foi possível perceber a satisfação delas em relatar suas mudanças de vida. Foi uma atividade muito intensa e, em alguns momentos, houve lágrimas, ao relatarem os episódios que viveram. No final de cada entrevista, foi possível ver a esperança e a vontade dessas mulheres em realizar seu maior sonho: ler e escrever. Considero a experiência ímpar e de muita acolhida. Aprendi muito com as falas, lágrimas e sorrisos. A palavra que remete a esse momento é “gratidão” por participar e conhecer um pouco mais da vida de pessoas tão sofridas e, mesmo assim, ainda, conseguem apontar uma luz de esperança e percebem a importância da educação, da escolarização, da escola e do professor.

#### 6º - Momento – Biografia de Malala Yousafzai, confecção do mural da sala

Nesse momento do plano de ação, considerei importante estudar a biografia de Malala Yousafzai, pois, fatos da vida dela revelam ainda uma situação recorrente no mundo: mulheres serem impedidas de estudar

Malala é uma ativista paquistanesa defensora da educação para meninas e mulheres. Ela vê na escola o papel transformador da sociedade. Ficou conhecida ao ser vítima de um atentado, por ser mulher e estudar. Esteve no Brasil, em julho de 2018 e atualmente, é a mais jovem ganhadora do Prêmio Nobel da Paz.

Para os alunos conhecerem mais sobre Malala, apresentei o texto “O preço de pensar diferente” que retrata a história de vida de Malala, suas lutas e conquistas. Lemos o texto e conversamos sobre o incentivo do pai da jovem na promoção dos seus estudos. Apresentei dados e informações referentes ao Talibã e à religião muçumana, com a

finalidade de explicar e possibilitar a compreensão dos motivos pelos quais Malala foi baleada aos 15 anos de idade.

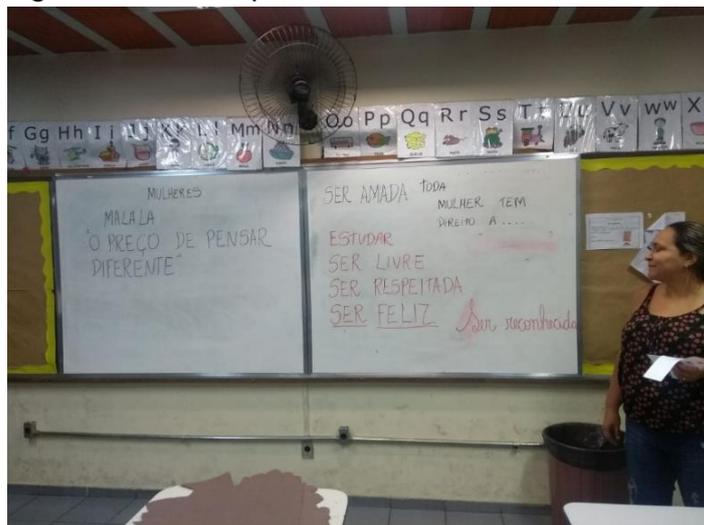
Muitos discentes já haviam escutado, em noticiários, sobre o atentado contra a jovem, mas não compreendiam o motivo do crime. Foi um dia muito proveitoso, houve vários questionamentos referentes à religião muçumana e a vestimenta das mulheres. Um fato marcante para os alunos foi o incentivo do pai que possibilitou à Malala ir para a escola.

Uma estudante colocou o seu ponto de vista. “Se o seu pai não a ajudasse, talvez nunca fosse ser alguém na vida”. Diante desta fala, percebi o valor que todos daquele grupo atribuíam ao estudo, mesmo não podendo frequentar uma instituição de ensino. Parecem conscientes do “poder” da educação, quando ela entra na vida das pessoas.

Após a leitura da bibliografia, discussões e relatos, realizamos uma atividade sobre o direito das mulheres. Foi a culminância do plano de ação. Para essa atividade, construímos um mural que ficará fixado na parede da sala de aula.

No painel, havia o contorno do rosto de uma mulher negra e a frase “ Toda mulher tem direito a [...]” Cada estudante recebeu uma flor e um pedaço de papel e nele escreveu uma palavra que consideravam significativa para representar um direito das mulheres. Essas flores foram colocadas para construir o cabelo da mulher negra e as palavras foram fixadas no mural. Surgiram muitas palavras como: estudar, amar, trabalhar, passear, ser respeitada, ter ou não filhos, ser amada, ter moradia, votar. ...Nessa atividade, todos se empenharam tanto na escrita, quanto no reconhecimento da luta pela emancipação das mulheres.

Imagem 1 - aula expositiva sobre direito das mulheres



Fonte: Fotografia da autora

Imagem 2 - atividade de escrita para confecção do mural



Fonte: Fotografia da autora

Imagem 3 - Mural



Fonte: Fotografia da autora

Considero o plano de ação uma oportunidade para a reflexão e exercitar a autonomia, porquanto os alunos tentavam expressar em palavras seus sentimentos de indignação e revolta por anos de negligência com as mulheres do Brasil e do mundo. Não posso afirmar ter promovido uma mudança na vida dos alunos, mas considero o fato de algumas mulheres ficarem desconfortáveis e iniciarem um processo de estranhamento em “atitudes e pensamentos” considerados anteriormente normais.

## 8. ANÁLISE DOS RESULTADOS

### 8.1 Análise das entrevistas

Foram entrevistadas três mulheres na faixa etária entre 41 e 60 anos matriculadas e frequentes da classe de alfabetização da EJA. Essas alunas foram impedidas, por questões de gênero, de frequentarem uma escola, quando mais jovens. A escolha pelo depoimento delas ocorreu durante uma roda de conversa, como já afirmado. As entrevistas foram gravadas para possíveis futuras transcrições. Para não expor as entrevistadas utilizei pseudônimos. O trabalho teve como principal objetivo o relato de vida das estudantes, e a análise da relação de gênero e suas implicações no processo de ensino e aprendizagem das alunas.

As entrevistadas foram: Umbelina, passadeira de 60 anos; Betina 41 anos, atualmente trabalha como babá de gêmeos e Lena de 53 anos, costureira.

#### PRIMEIRA ENTREVISTA

A primeira entrevista aconteceu com Umbelinda 60 anos, pessoa alegre e comunicativa. Nasceu em Coquinhos, Bahia. Atualmente é solteira, teve seis filhos, dois morreram recém nascidos. Trabalha como passadeira e faxineira. Nunca frequentou uma escola. Quando tinha 6 anos, sua mãe se casou, desse relacionamento teve 7 filhos: 5 meninos e 2 meninas.

Umbelina ajudava nas tarefas de casa, cuidava dos sete irmãos mais novos e trabalhava na plantação e colheita do cacau. Teve vontade de estudar, mas o padrasto não permitiu. Ele afirmava que Umbelina era a mais velha e necessitava ajudar nos afazeres de casa e na lavoura de cacau. Era uma família com dez pessoas e viviam com muitas dificuldades financeiras. Por ser a mais velha, dos oito filhos, desde muito nova foi submetida ao trabalho. A seguir um de seus relatos.

Só que trabaiava na minha casa era eu, nenhum dos fio trabaiava eu trabaiava minha filha, trabaiava na roça. Eu, eu penerava mandioca, raspava mandioca, eu fazia biju de goma, eu era a mais velha né. Minha mãe falava essa menina é meu pé de boi. (Umbelina, 60 anos).

Ficou clara a obrigação destinada a Umbelina. Na infância, já era responsável pelos afazeres do lar. Era a única criança da casa, que tinha os dedos cortados e machucados na colheita do cacau e na fabricação do Beiju. Presenciou a ida dos irmãos à escola e sempre foi advertida pelo padrasto de sua condição de ser “velha” e não conseguir aprender como seus irmãos, e também não podia ir à escola, pois precisava ajudar em casa e na lavoura. Não sobrava tempo para os estudos, por isso, durante toda sua infância e juventude o seu direito de ser escolarizada foi negado.

Durante o seu relato pude perceber a discriminação e a indiferença de seu padrasto, por ser fisicamente diferente dos seus irmãos. “Eu era preta, meus irmãos tudo loirinho, tinham cabelo mais liso, era tudo bonito, meu padrasto, nunca disse que eu era fia dele”. Umbelina aponta o descaso do padrasto, que nunca mostrou afeto por ela, e não a aceitou como filha: por isso, acredita terem sido estas razões porque fora tratada dessa forma, durante anos. Não fazia parte da família, era uma empregada.

Aos 15 anos foi para a cidade morar de “vaga”, em um quarto de aluguel. Logo que chegou à cidade, conheceu um rapaz e engravidou do seu primeiro filho. Criou o menino sozinha e com muito sofrimento. Se emociona ao narrar sua saída de casa e seu afastamento da mãe e dos irmãos. Relata que não voltou para a sua cidade de origem, pois nunca teve condições financeira. Sua mãe nunca conheceu nenhum de seus filhos, mas tem fé que um dia retornará à cidade onde nasceu para visitar os irmãos e a mãe. O padrasto já faleceu.

Morou em Camaçari, Salvador, declara sempre ter tido sorte com as patroas. Em Camaçari, conheceu o pai dos seus outros filhos. De Camaçari veio para Belo Horizonte.

Sempre teve vontade de estudar, mas não tinha condições, porque trabalhava e precisava cuidar dos filhos. Passou muito constrangimento, pois não conseguia ajudar os filhos nas tarefas de casa. Sempre conseguiu manobrar o fato de ser analfabeta e procurou viver sem saber ler os símbolos escritos. O fato que a fez ir pela primeira vez à escola foi retirar a carteira de identidade e não conseguir assinar o nome no espaço reservado às assinaturas. Treinou durante vários dias, mas na hora de preencher a linha, não apresentou habilidades de coordenação motora. Vejamos um excerto do relato dela:

Eu queria vir na escola, mas foi um “ó”. O dia que fui tirar a carteira de identidade eles pus assim: não sabe assinar, mia fia, fiquei revoltada, eu falei agora é a hora de ir. E fui e vim pra escola com toda a força. (Umbelina, 60 anos).

A entrevistada ficou constrangida nesse dia, várias pessoas tentaram ajudá-la, mas, ela não tinha habilidades para a grafia da letra cursiva. Como já comentado, o motivo que a fez ir para a escola foi não ter conseguido assinar o nome no registro da identidade. Umbelina é assídua e frequente há um ano na Educação de Jovens e Adultos, e já consegue identificar algumas letras. Gosta da escola e do seu professor que a incentiva a prosseguir seus estudos. Possui o sonho de escrever um livro sobre a sua vida, montar uma lavanderia e tirar, o mais breve possível, outra carteira de identidade.

Constatai que Umbelina, desde muito jovem foi segregada e subjugada pelo padrasto. Sofreu discriminações de gênero e de raça e, durante anos, se sentiu inferiorizada e humilhada pelo padrasto. Afirma que sua mãe, como era muito pobre e também não sabia ler, obedecia aos comandos do chefe da família.

Entretanto as dificuldades não foram capazes de tirar a alegria da estudante: ama viver a vida e está muito determinada a conseguir ler. Gosta dos passeios, se realiza na EJA e se sente viva ao poder conviver com as letras.

## SEGUNDA ENTREVISTA

Entrevista realizada com Betina, 41 anos, casada e mãe de 3 filhos. Trabalhou muitos anos como faxineira, mas, atualmente é babá. Morou nas redondezas de Várzea das Flores, Minas Gerais. Levou uma vida muito sofrida. Sua mãe teve 12 filhos, e destes 6 morreram, pois, segundo o relato da entrevistada, não sobreviveram à fome e aos maus tratos do pai.

Sua mãe teve 3 meninas. A filha mais velha teve sorte: foi levada e criada pela avó materna. Sua irmã mais nova morreu aos 3 anos de idade. Sendo assim, Betina e a mãe eram as únicas mulheres da casa e responsáveis por todas as obrigações domésticas. Ela aponta com detalhes os maus tratos a que o pai a submetia. Ele era servente de pedreiro. Quando chegava em casa, batia em todos da família por qualquer motivo. Apanhavam por tudo: pela desordem promovida pelos irmãos, pela falta de comida, pela dúvida de não cuidar direito dos irmãos, por uma mancha na roupa etc. Tentava agradar, mas seus esforços eram em vão.

A gente tinha não era respeito, era medo, meu pai contava as frutas que tinha no pé, se caía procurava, ele não achava no chão aí apanhava todo mundo, sabe era muito, muito duro, sabe. Cresci apanhando, não sei porque meu pai punia tanto a gente, não sei. (Betina, 41 anos).

Viveram uma vida com muita dificuldade financeira e cresceram sendo espancados, diariamente, com fio de eletricidade, vara de marmelo, cinto etc. Os filhos e a mãe tiveram uma vida de tortura. Seus irmãos sempre usavam blusas e roupas compridas para esconderem os hematomas na escola. Betina questionava a mãe sobre o modo como viviam, mas ela afirmava não poder fazer nada pelos filhos, porque o pai era “daquele jeito e não ia mudar”. Betina cresceu acreditando que apanhar era natural.

Aos 10 anos seu sofrimento se tornou maior, pois sua mãe faleceu. Betina se emociona ao falar da morte dela. Após a morte da matriarca da família, ela é obrigada a assumir todas as obrigações do lar e os cuidados com os irmãos. Nunca foi à escola, não saía do portão, não convivia com outras pessoas, além do pai e dos irmãos. Seu pai somente permitiu a ida dos meninos à escola, pois declarava constantemente que as meninas eram feitas para os afazeres do lar e, se fossem à escola virariam “mulher da vida” e ele não queria a filha mal falada.

Meu pai falava você nunca vai aprender, que mulher não tem saber ler, que mulher não tem que aprender nada, mulher tem que ficar é dentro de casa. é, se não você pode virar essas piranhas. Mas ele falava mesmo. Então é por isso, que ele não deixava sair sozinha pra lugar nenhuma, sempre ele tava comigo ou um dos irmãos junto comigo. (Betina, 41 anos).

Na trajetória de vida da entrevistada detectei horrores como a violência física, o cárcere privado e a relação de gênero equivocada que viveu através das ações do pai. Por ser uma menina, não teve o direito de ir à escola, como todos os seus irmãos, que, por serem meninos, tinham permissão para saírem, e, mesmo faltando muito à conseguiram ser alfabetizados, sempre foram impedidos pelo pai de ensinar Betina a ler. Desde muito pequena, foi obrigada a costurar, limpar, passar, cozinhar e cuidar dos irmãos mais novos e mais velhos, não teve o direito de conviver com outras pessoas e se acostumou a apanhar, sem entender o motivo do pai ter um comportamento tão agressivo.

Por volta dos 12 anos, após apanhar muito do pai, não suportou mais aquela vida e fugiu de casa. Perambulou pelas ruas, não consegue definir quantos dias ficou perdida, e foi encontrada por uma senhora que cuidou dos seus ferimentos, deu comida, e a levou para a Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor (FEBEM).

Na FEBEM ficou por volta de 1 ano, mas, nesse período, também não foi à escola, porém gostava de lá, pois, não apanhava. Um dia foi chamada pelo diretor da instituição e encontrou-se novamente com o pai. Ficou sem fala nesse momento, o medo de apanhar e

ser morta por fugir de casa era muito forte. Foi obrigada a retornar para casa com o pai. Durante oito meses os funcionários da FEBEM a visitaram para saber como estava vivendo. Nesse período, não apanhou, mas as visitas cessaram, e, novamente voltou a ser agredida pelo pai.

Por volta dos 16 anos, seu pai começou a namorar com uma viúva e ela tinha um filho, Marcos. Ele começou a frequentar sua casa e, após três anos, Betina casou-se com ele. O casamento foi sua carta de Alforria. O Marido sempre soube que ela não sabia ler e a ajudou a escrever seu primeiro nome. O marido sempre a incentivou a ir à escola.

[...] você não está mais na casa do seu pai, vai estudar, estuda procura uma escola , meu marido sempre falava, eu não tinha assim, eu ainda não tinha me preparado , me desbloqueado . Podia ir na escola, mas tinha até dor na barriga em pensar em entrar na sala. (Betina, 41 anos).

Mesmo com o apoio do marido, sentia-se bloqueada pelas memórias das falas do pai, que a subjugava afirmando sua inferioridade por ser uma mulher. As lembranças, naquele momento, foram primordiais para impedir a ida de Betina à escola. Sentiu-se incapaz e isso a abalou psicologicamente.

Betina somente procurou a escola após o nascimento do seu último filho. A criança nasceu com microcefalia e precisava ir constantemente aos médicos e especialistas. Com receio de dar a medicação errada, e por necessitar locomover-se com a criança constantemente para vários hospitais, começou a recorrer aos vizinhos para auxiliá-la. Chegou, então, à conclusão de que precisava estudar, para ajudar nos cuidados com o filho. “Comecei a me atrapalhar e precisava muito ajudar o meu filho”

Notei que a necessidade de manter os cuidados com o filho deu forças a Betina para enfrentar o medo e as barreiras construídas na infância em não acreditar em sua capacidade de aprender. Através da doença do filho, obteve a experiência da descoberta da leitura e da escrita.

Betina frequenta a EJA há dois anos, e se sente muito feliz, porque consegue ler pequenos textos. Ficou surpresa ao perceber que conseguia ler.

## TERCEIRA ENTREVISTA

Entrevista com Leca, 54 anos, solteira, costureira e tem 2 filhos. Mora atualmente no bairro Glória e estudou até a quarta série do ensino fundamental. É a segunda criança de uma família de 7 filhos. Quando tinha por volta de 12 anos, sua mãe faleceu e seu pai casou-se novamente. Quando seu irmão por parte de pai tinha 9 meses, seu pai veio a óbito.

Durante parte de sua adolescência, foi criada pela companheira do pai, que sempre fez distinção entre os filhos legítimos e os enteados. Sua madrasta não os deixava comer direito. Leca ficou trabalhando em casas de família até ser entregue a uma senhora que a criava em troca de ser a empregada da família. Tinha muita vontade de ir à escola, mas como era empregada doméstica nunca pode frequentar as aulas. Todos os momentos do dia eram dedicados à limpeza da casa, ao preparo de refeições e às faxinas feitas nas casas dos parentes de sua patroa.

Por volta dos quinze anos trabalhava naquela casa e manteve um namoro com o padeiro do bairro. Ele prometia tirá-la da vida de doméstica e ajudá-la a retomar os estudos. Até que um dia, foi molestada por um sobrinho de sua patroa. Por este fato ter gerado muitos contratempos para a família, a patroa deixou-a partir com seu namorado.

Foi morar com o namorado sem conhecê-lo bem. Em menos de 2 meses, mudaram-se para Pirapora. Ela tinha 17 anos e seu marido 26. Uma das promessas cumpridas por seu esposo era deixá-la terminar os estudos. Chegando à nova cidade, aos poucos descobriu que seu marido tinha várias amantes e que bebia todos os dias.

Matriculou-se na escola próxima à sua casa, começou a frequentar a quinta série mas, desde o dia em que entrou, nunca teve tranquilidade para continuar os estudos. Seu marido sempre desconfiava que estava de “namorico”, seguia-a e colocava alguém para vigiá-la dentro da escola. A seguir seu relato.

Eu não tinha sossego naquele lugar, ele andava atrás de mim, quando eu olhava na saída, quem estava lá com cara estranha? Meu marido dizia que estava arrumando um namorado na escola. Não aguentava passar tanta vergonha que fui obrigada a sair. ( Leca, 54 anos).

Leca se viu obrigada a sair da escola, pois não suportava o ciúmes do marido. Ele, que bebia bastante, começou a beber todos os dias, fazer escândalos na rua e a espancá-la. O marido não cumpriu a palavra: no início do relacionamento, deixou-a frequentar a escola, posteriormente não mais permitiu que estudasse.

Com um ano de casamento, Leca ficou grávida do seu primeiro filho e foi condicionada a uma vida de agressões constantes. Sempre gostou de ler, mas tudo que tinha o alfabeto o marido jogava no lixo. Ele sempre dizia “mulher que fica lendo e escrevendo sempre arruma outro homem”. A entrevistada relata que nem a Bíblia podia ter em casa, o marido tinha ciúmes de tudo que pudesse ler.

Após viver uma vida de humilhações e espancamentos Leca economizou dinheiro por um longo período. Um dia, cansada do sofrimento, entrou no ônibus e abandonou tudo em Pirapora, e veio morar com uma tia, em Belo Horizonte. Trabalhou com costura e faxina, conseguiu acumular uma quantia e comprou, com muito esforço, a casa onde mora. Soube através de uma ligação telefônica que o marido havia falecido.

Durante sua pré adolescência, Leca não pode frequentar a escola pois, era mantida como “escrava” doméstica em uma família, recebendo como salário apenas um lugar para dormir e as sobras de comidas da casa. Após seu casamento, como tentativa de uma possível “liberdade” e retorno aos estudos, sofreu violência doméstica e foi subjugada pelo marido por questões relacionadas ao gênero. Um dos motivos que o deixavam muito agressivo era o fato dela ter algum livro ou revista em casa. Sempre tinha que esconder para que não percebesse que estava lendo, se não seria um dos motivos para agressão física.

Leca retornou aos estudos, porque sentia que sua vida estava sem motivação, “me senti lesada pelo meu ex –marido e acredito ser dona do meu nariz.” Seu sonho é tirar a carteira de motorista. Sabe dirigir, mas ainda não passou nos exames de direção. Deseja comprar uma casinha no interior, fazer um sítio para levar os netos, formar-se no ensino médio e entrar em uma faculdade, porém, ainda não definiu o curso que fará.

A estudante frequenta a EJA há um ano. Gosta de conviver com os colegas, e isso, segundo a entrevistada, a mantém viva. Adora vestir roupas novas e realizar os passeios oferecidos pela escola, principalmente ir ao teatro.

## 9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar o plano de ação foi um processo desgastante, não leciono para a Educação de Jovens e Adultos, e foi necessário deixar minha filha de quatro anos com pessoas da minha família para conseguir realizar o trabalho proposto. Vivenciei o desdobramento e as atribuições que são delegadas culturalmente às mulheres: o cuidar. Nesse momento, se fosse um homem, talvez não teria esse contratempo.

Foram momentos de muita aprendizagem principalmente durante as entrevistas. Acredito que as atividades proporcionaram a reflexão e autonomia de alguns estudantes, principalmente das mulheres. Muitas se mostraram desconfortáveis com alguns questionamentos que anteriormente consideravam normais. Sugiro a continuidade das atividades com os estudantes, apresentando textos e biografias de mulheres que foram e são fundamentais para a luta de igualdade de gênero.

As entrevistadas vivenciaram cenas que se assemelham a escravidão. Foram submetidas aos gostos e desmandos do pai, padrasto e dos maridos, vindo, por isso, a se transformarem em meras servas, dedicadas aos afazeres do lar, aos cuidados dos irmãos e aos filhos. Dessa maneira, desempenharam um papel secundário em relação ao homem.

As mulheres foram condenadas a uma existência nula e devido à questão de gênero chegaram a acreditar que, de alguma maneira, por serem mulheres, eram inferiores. Foram privadas do direito, de ir e vir, de liberdade, e de estudar, mediante imposições de regras que determinavam seus comportamentos, pensamentos e suas atitudes. Foram subjugadas e condenadas ao silêncio.

Apesar de todas as privações que sofreram, principalmente por terem o desejo de ler e escrever ceifados pela ideologia da inferioridade feminina, ainda, foi possível detectar nas narrativas durante o diálogo com as entrevistadas, um processo de emancipação se constituindo e se construindo, tanto no que tange à busca pela realização de seus sonhos, quanto na maneira de levar uma vida com autonomia

Durantes as narrativas, observei, até nos seus olhares, que elas se sentem orgulhosas e valorizadas, ao descreverem suas trajetórias e seu retorno à escola. De certa maneira, demonstram estar construindo uma nova história, talvez, bastante diferente daquela que imaginavam ou da que sempre lhes fora imposta.

Sinalizam sempre a importância de frequentar uma sala de aula, porque essa atitude de ir para a escola as constituem como pessoas “diferentes”, com mais independência. Em

vários momentos, apresentaram uma vontade direcionada para a mudança de vida, tentativa de transformação que se configurou desde a busca por tirar um documento de identificação, a possibilidade da leitura de bulas de remédios, a segurança ao entrar no ônibus, por saber, ler o letreiro corretamente, até a entrada em uma faculdade.

Para que essas e todas as mulheres conquistem um lugar diferenciado, em que sejam respeitadas e possam exercer seus direitos, são necessários ainda várias mudanças, como a desconstrução do discurso preconceituoso e carregado de princípios discriminatórios de uma sociedade patriarcal e das relações de poder envolvidas na dominação de gênero. Esse poder ainda ressoa, em nossa sociedade, quando uma mulher é discriminada nas relações afetivas e conjugais, quando persistem a violência doméstica e a segregação. Nesse sentido, Sorj (2010) ensina que:

[...] uma vez que o gênero é um princípio central que organiza relações de desigualdade na sociedade e constitui as pessoas como diferentes, as Políticas Públicas incidem, direta ou indiretamente, sobre as relações entre homens e mulheres, seja mantendo, corrigindo ou acentuando as desigualdades existentes. (p. 57).

O direito da mulher deve ser garantido através de políticas públicas que ofereçam oportunidades e facilitem o acesso à educação e exercício pleno da cidadania. Os direitos das mulheres dependem, também, de uma legislação preparada para atuar na busca da proteção dos direitos das mulheres vítimas de agressão no seio da família. O reconhecimento dos direitos das mulheres é essencial para se compreender que eles não são privilégios, mas direitos que devem ser apropriados.

As entrevistas apontam uma perspectiva positiva do retorno à escola, bem como, os efeitos que a EJA produz em suas vidas, constituindo-se num espaço de socialização e expressão da mulher, e uma oportunidade para proporcionar a emancipação e autonomia dos sujeitos. Na EJA estabelece-se, também, um forte vínculo afetivo entre os colegas de turma e os professores, o que colabora na relação de ensino e aprendizagem.

Há ainda muitos analfabetos em nosso país. Segundo Gadotti e Romão (2001) o analfabetismo não é uma doença, uma erva daninha como se costuma dizer. É a negação de cumprimentos de direitos e não é uma questão pedagógica, mas primordial e essencialmente política. A EJA ainda atua como uma política compensatória. E, infelizmente ainda são poucas escolas que ofertam essa modalidade de ensino. Isto é de se lamentar, por que a Constituição Federal de 1988 (art. 6º) assegura que a educação é direito de todos e dever do Estado (BRASIL, 1988).

No entanto, é pela incomensurável discrepância entre o direito, o acesso e a permanência de jovens e adultos na escola, que é possível salientar a necessidade de políticas específicas , com propostas para garantir ou “amenizar” a situação de injustiça social vivenciada pelas entrevistadas deste projeto de ação e por grande parte da população brasileira.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kunher. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

BRASIL. **Constituição** (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, [2019].

BRASIL. **LDB**: Leis de diretrizes e bases da educação nacional: Lei 9394/96. Brasília: Subsecretaria de Edições Técnicas, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação de jovens e adultos**: relator conselheiro Carlos Roberto Jamil Cury: parecer n. 11/2000. Brasília: MEC, 2000.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Políticas Públicas para as Mulheres. **Plano nacional de políticas públicas para as mulheres**. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2013.

BRITO, D. R. S.; MIRANDA, J. A. A escolarização da mulher: o paradoxo entre a luta pela emancipação e as práticas familiares. *In*: SEMANA DE PEDAGOGIA, 5., 2012, Candeias, BA. **Anais** [...]. Candeias, BA: UESB, 2012. p. 6.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 37. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção leitura).

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. **Educação de jovens e adultos**: teoria, prática e proposta. São Paulo: Cortez. Instituto Paulo Freire, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. PNAD Contínua 2018: educação avança no país, mas desigualdades raciais e por região persistem. **Agência IBGE Notícias**, [Rio de Janeiro], 19 jun. 2019.  
<https://www.ibge.gov.br/?cx=009791019813784313549%253Aonz63jzsr68&cof=FORID%253A9&ie=ISO-859&q=2019+txa+de+analfabetismo&sa=&siteurl=ww2.ibge.gov.br%252F&ref=>  
Disponível em: 24 nov. 2019.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. **A pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

HISTÓRIA de um Brasil alfabetizado: documentário. Brasília: Ministério da Educação, 31 jul. 2012. (72 min). Publicado por História Doc. Disponível em:  
[https://www.youtube.com/watch?v=ewgREnDv\\_w4](https://www.youtube.com/watch?v=ewgREnDv_w4). Acesso em: 24 nov. 2019

RITT, Caroline Fockink. A conquista da educação pelas mulheres na história do Brasil, a violência doméstica praticada contra a mulher e a aplicação do art. 41 da lei Maria da Penha, para a punição do agressor da violência de gênero. **Revista do Curso de Direito da FSG**, Caxias do Sul, v. 6, n. 12, p. 41-53, jul./dez. 2012.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.

SOARES, Leôncio. Trajetórias compartilhadas de um educador de jovens e adultos. Belo Horizonte, Autêntica, 2019.

SORJ, Bila. Os cuidados com a família e as desigualdades de gênero e de classe. In: COSTA, Albertina et al. (org.). **Divisão sexual do trabalho, Estado e crido do capitalismo**. Recife: SOS CORPO - Instituto Feminista para a Democracia, 2010, p. 57-65.

**ANEXO 1- IMAGEM DO SEGUNDO MOMENTO DO PLANO DE AÇÃO**



## **SABER VIVER- DE CORA CORALINA**

NÃO SEI..... SE A VIDA É CURTA  
OU LONGA DEMAIS PRA NÓS,  
MAS SEI QUE NADA DO QUE VIVEMOS  
TEM SENTIDO, SE NÃO TOCAMOS O CORAÇÃO DAS  
PESSOAS.

MUITAS VEZES BASTA SER;

COLO QUE ACOLHE,

BRAÇO QUE ENVOLVE,

PALAVRA QUE CONFORTA,

SILÊNCIO QUE RESPEITA,

ALEGRIA QUE CONTAGIA,

LÁGRIMA QUE CORRE,

OLHAR QUE ACARICIA,

DESEJO QUE SACIA,

AMOR QUE PROMOVE.

E ISSO NÃO É COISA DE OUTRO MUNDO,

É O QUE DÁ SENTIDO Á VIDA.

É O QUE FAZ COM QUE ELA ,

NÃO SEJA NEM CURTA, NEM LONGA DEMAIS,

MAS QUE SEJA INTENSA,

VERDADEIRA, PURA.... ENQUANTO DURAR



LEIA E COMPLETE O POEMA

## SABER VIVER- DE CORA CORALINA

NÃO SEI..... SE A VIDA É \_\_\_\_\_  
OU \_\_\_\_\_ DEMAIS PRA NÓS,  
MAS SEI QUE \_\_\_\_\_ DO QUE VIVEMOS  
TEM SENTIDO, SE NÃO TOCAMOS O \_\_\_\_\_ DAS  
PESSOAS.

MUITAS VEZES BASTA SER;  
COLO QUE \_\_\_\_\_,  
\_\_\_\_\_ QUE ENVOLVE,  
PALAVRA QUE \_\_\_\_\_,  
SILÊNCIO QUE \_\_\_\_\_,  
ALEGRIA QUE \_\_\_\_\_,  
LÁGRIMA QUE \_\_\_\_\_,  
OLHAR QUE \_\_\_\_\_,  
DESEJO QUE



\_\_\_\_\_,  
AMOR QUE \_\_\_\_\_.  
E ISSO NÃO É COISA DE OUTRO MUNDO,  
É O QUE DÁ \_\_\_\_\_ Á VIDA.  
É O QUE \_\_\_\_\_ COM QUE ELA ,  
NÃO SEJA NEM \_\_\_\_\_, NEM LONGA DEMAIS,  
MAS QUE SEJA \_\_\_\_\_,  
\_\_\_\_\_, PURA.... \_\_\_\_\_ DURAR

## 2- ESCREVA AS PALAVRAS QUE UTILIZOU.

1--RECORTE AS PALAVRAS E COMPLETE OS VERSOS DO POEMA

|              |  |
|--------------|--|
| BRAÇO QUE    |  |
| SILÊNCIO QUE |  |
| LÁGRIMAS QUE |  |
| OLHAR QUE    |  |
| AMOR QUE     |  |
| PALAVRA QUE  |  |
| ALEGRIA QUE  |  |

|          |          |         |
|----------|----------|---------|
| CONTAGIA | ACOLHE   |         |
| CONFORTA | CORRE    | ENVOLVE |
| PROMOVE  | RESPEITA |         |

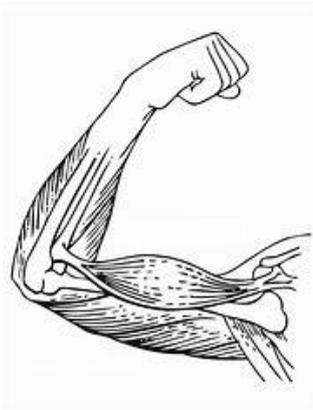
|  |  |  |
|--|--|--|
|  |  |  |
|--|--|--|

1-RECORTE E MONTE AS PALAVRAS



|  |  |  |
|--|--|--|
|  |  |  |
|--|--|--|

|  |  |
|--|--|
|  |  |
|--|--|



|  |  |
|--|--|
|  |  |
|--|--|

|  |  |
|--|--|
|  |  |
|--|--|

---

|    |     |     |    |     |
|----|-----|-----|----|-----|
| TO | CAR | BRA | ÇO |     |
| CO | RA  | CO  | RA | ÇÃO |